

SITUAÇÃO DE RUA

Projeto tece rede 'salva vidas'

Consultório de Rua ganha reforço de alunos de medicina no trabalho com população vulnerável em Campinas

MARIA ALICE DA CRUZ
JORNAL DA UNICAMP

Raimara Alzira, 19 anos, revela o sonho de dar uma vida melhor para a filha, de 1 ano, enquanto os olhos brilham por ter conseguido vaga num abrigo para mulheres e crianças. Com olhar para o horizonte, Claudinei Ferreira conta sobre seu novo emprego, depois de dois anos em situação de rua. Respostas como estas, aos poucos, mostram para a psicóloga Cathana Freitas de Oliveira, aluna de doutorado em saúde coletiva da Faculdade de Ciências Médicas da Unicamp (Universidade Estadual de Campinas), que a extensão universitária vale a pena. Professora no Programa de Estágio Docente da faculdade, Cathana integra há um ano o projeto de extensão comunitária (PEC) "Entre a clínica, a arte e a cidadania: oficinas com a população em situação de rua em Campinas", que se une à equipe do projeto Consultório na Rua para dar novos rumos à discussão sobre a saúde dessa população, diz a psicóloga sobre a parceria de seu grupo Conexões com o Consultório de Rua.

As atividades, realizadas pelo Conexões, formado por alunos da Unicamp, redutores de danos, músicos, terapeuta ocupacional e outros profissionais da rede pública de Campinas, rapidamente atraem pacientes antigos e novos. "A receptividade é ótima. Eles participam das oficinas de música, que deslocam o cuidado do polo doença-morte para o da saúde-vida", diz Cathana.

Para ela, um projeto de extensão como este do grupo Conexões valoriza inovações, a construção de novas ferramentas de vínculo nas práticas em saúde. As experiências em campo permitem repensar políticas públicas imprescindíveis à população de rua e produzir reflexões sobre a formação acadêmica comprometida social e eticamente. "Pretendemos trabalhar o resgate da cidadania, do acesso à arte e inclusão social como fatores de produção de saúde. Pensamos em apoiar os próprios moradores a pensar sobre suas escolhas em saúde. Isso é novo, em geral acreditamos que pessoas em situação de rua não têm capacidade para isso, mas nós apostamos que é possível resgatar estes saberes e autocuidados.

O professor Sérgio Resende Carvalho, coordenador do projeto de extensão, diz que as atividades estabelecem uma relação de troca entre a universidade e a população. "Consideramos o projeto socialmente bastante relevante por se tratar de intervenções sobre populações marginais e negligenciadas da

sociedade. Contribuímos para as ações de cuidado".

A seu modo, Claudinei Ferreira, que já foi usuário do Consultório na Rua, demonstra estar consciente desta troca, principalmente no que tange à formação de médicos aptos a atuar na saúde pública: "Para o aluno da Unicamp, acaba sendo um feedback, porque ele vai pegar isso aí (a experiência na rua) e, se pedirem um trabalho de escola, ele tem o material na mão porque ele participou de fato", diz.

AUTOCUIDADO

O autocuidado é um dos aspectos importantes tanto no conteúdo do projeto da FCM quanto no Consultório na Rua – administrado pelo Hospital Cândido Ferreira com financiamento da Prefeitura de Campinas e do Sistema Único de Saúde (SUS). Comprometidos com a prevenção, Raimara e sua família, assim como Claudinei, chegam cedo em busca de atendimento e acolhimento. "O atendimento aqui é bom. Eles sempre cuidaram de mim e de minha filha. Eles dão muito carinho a ela, têm amor nela", ressalta Raimara.

"O atendimento aqui é bom. Eles sempre cuidaram de mim e de minha filha"

Cathana enfatiza que apesar de Campinas e outros estados do Brasil terem um Consultório na Rua, ainda é mui to comum a população ter de recorrer a centros que envolvem religião e abstinência como base do trabalho. "Queremos abrir espaço para pensar a saúde sem restrições religiosas ou morais a priori, por exemplo." O grupo pretende levar novas técnicas ao espaço de cuidado da rua e abordar temas como o autocuidado.

NA PRAÇA

A movimentação na praça atrai não somente a população em situação de rua, mas também transeuntes e moradores do local de atendimento, segundo a coordenadora do Consultório na Rua, Alcyone Apolinário Januzzi. "Aqui no Largo do Pará,



Reprodução do Jornal da Unicamp
AÇÃO | Alunos da Unicamp



NA RUA | Trabalho com população de rua foca no autocuidado

uma senhora chamada Helena frequentou a roda de música durante seis meses. Alguns perguntam sobre o projeto, outros criticam positivamente ou negativamente", relata Alcyone.

Para o aposentado Valdomiro de Figueiredo, o trabalho é um "bem-querer" por reconhecer as necessidades de pessoas que vivem "ao relento". Ao passar pelo Largo do Pará, ele faz uma pausa, pede informações e elogia a atenção dos profissionais. A iniciativa de levar alunos da Universidade para as atividades de campo é, em sua opinião, uma forma de melhorar a formação. "Desagrada veras pessoas como estacionárias, ao relento, sem estímulo para a vida. Isto aqui é um bem-querer. Nesta estrada da vida há muitas diferenças. As pessoas que têm condições de levar esclarecimentos que levem."

Redutor de danos há cinco anos no Consultório na Rua, o capoeirista Thiago França Branco Carvalho assegura que as oficinas de música devolvem dignidade aos participantes. Sua missão é criar estratégias para fazer com que as pessoas enxerguem que há outras coisas além de substâncias psicoativas. "A gente faz um trabalho com música para criar um outro momento para o usuário. Nestas oficinas, a gente tenta resgatar vidas, faz uma escuta, encaminha para tratamento. Na oficina não pode beber. E eles respeitam."

Por que a rua? Raimara quer sair de uma situação que experimenta desde os 3 anos de idade, quando sua mãe morreu: a rua. Cathana graduou-se em psicologia no Rio Grande do Sul e decidiu, como psicóloga, vivenciar um lugar onde nunca precisou viver: a rua. Uma em busca de dignidade e outra, de compartilhar dignidade, tentando tomar realidade um sonho universal de saúde, de boa qualidade de

vida, justa e digna.

Foi em busca de trabalhar com pessoas em situações vulneráveis que a psicóloga conheceu projetos como o Consultório na Rua. E diz que não é fácil construir rede para o morador de rua. O que ele precisa fora do espaço da rua, dentro do serviço de saúde, costuma ser negligenciado.

Foi por meio do Consultório na Rua, que Raimara pôde fazer o pré-natal e o parto no Hospital da Mulher José Aristodemo Pinotti (Caism), onde chegou sem nada e rapidamente foi surpreendida com uma bolsa e produtos arrecadados pela assistente social Elisabeth Chinália. As atividades de artes, para ela, são importantes para que

"Sonho muito com o dia de ter emprego"

as pessoas se sintam acolhidas. "Sonho muito com o dia de ter emprego. O que preciso peço sim. Porque quando você precisa de ajuda, os outros te ajudam. E quando você vai ajudar os outros é bom porque você consegue dar algo de melhor, um conforto e mostrar pra pessoa que ela vai conseguir."

Quando sua mãe morreu, Raimara e os irmãos foram morar com o tio, mas uma denúncia de sua irmã ao Conselho Tutelar os levou para um abrigo, onde foram adotados. Mas não deu certo e voltaram para o abrigo, de onde fugiu. Nas baladas, conheceu o marido, foram para outro local de acolhimento, onde soube da gestação, aos 17 anos. Neste momento, decidiu mudar de vida. Encontrou no Consultório na Rua apoio profissional e encaminhamento para o Caism. "Tentamos levar uma vida 'nor-

mal', mas meu marido foi demitido. Agora, ele ganhou da igreja uma caixa de isopor e água para vender. Estamos lutando. Sempre batalhei pelo que preciso."

Cathana alegra-se por ver uma gestante em situação de rua ser atendida pelo Caism. "Campinas passa por momento difícil de organização da rede. Em ocupação, já vi gestantes ficarem sem atendimento quase o pré-natal inteiro. Ver que uma mulher está tendo atendimento dentro de uma universidade de ponta é um ganho grande."

A história de Claudinei passa pelo julgamento daqueles que naturalmente deveriam apoiar em momentos de dificuldade. Ao ficar desempregado, teve receio de ser cobrado pela família e ficou dois anos em situação de rua. Hoje empregado, deseja prestar o Exame Nacional de Ensino Médio (Enem), para realizar o sonho da graduação, e rever o filho de 13 anos. Entre as dificuldades para encontrar um emprego, mesmo com nível médio completo, ele elenca a crise do País, a desigualdade social, a discriminação e o racismo. "As pessoas falam que não tem racismo, mas existe." Como saiu da situação de rua? Com apoio e muita inteligência.

"A situação em si você não espera, ela acontece. Só que você tem que correr atrás. Procurar apoio. Sempre tem alguém que estende a mão. Se ele der um dedo, você toca na unha e vai subindo. E degrau por degrau que você tem de ter dentro de sua cabeça. Tem de procurar um serviço, de sempre estar em contato, procurar ler, estar informado do que está acontecendo. Não adianta você ficar em situação de rua e isolado do mundo."

Por não ter paredes, o Consultório na Rua consegue trabalhar em conjunto com todos os equipamentos da rede de saúde de Campinas, de acordo com a coordenadora Alcyone Apolinário Januzzi.

GARGALO

O grande gargalo na relação entre a rede de saúde e a população de rua, segundo Alcyone, está na falta de conhecimento dos profissionais em atender e saber qual o ritmo da rua e no preconceito dos pacientes em chegar até a rede. "O aluno passa a ter um outro olhar. Até porque o atendimento na rua tem de ser o mais resolutivo possível. Se falar para alguém voltar daqui a dois meses, você perde o paciente." A falta de conhecimento da realidade cria barreiras, na opinião de Alcyone. "Uma das primeiras perguntas que me fazem é: Quantas vezes você sofreu agressão? Eu respondo nenhuma. Mas e quantas vezes você se emocionou, Alcyone? Muitas."